



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS

**ENTRE A SEDUÇÃO E O DESEJO: UMA LEITURA CRÍTICO-
COMPARATIVA DAS PERSONAGENS FEMININAS DOS ROMANCES
*A NORMALISTA E O CRIME DO PADRE AMARO***

CAMPINA GRANDE-PB
2011.

MARIA ROSIMERE DE FRANÇA

**ENTRE A SEDUÇÃO E O DESEJO: UMA LEITURA CRÍTICO-COMPARATIVA
DAS PERSONAGENS FEMININAS DOS ROMANCES A *NORMALISTA* E O *CRIME
DO PADRE AMARO*.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora Profa. Dra. Aldinida Medeiros Souza.

Campina Grande-PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F814e

França, Maria Rosimere de

Entre a sedução e o desejo [manuscrito]: uma leitura crítico-comparativa das personagens femininas dos romances A Normalista e O Crime do Padre Amaro. / Maria Rosimere de França. – 2011.

56 f.:

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Aldinida Medeiros Souza, Departamento de Letras”.

1. Mulher 2. Sedução 3. Desejo 4. Realismo-Naturalismo I.. Título.

21. ed. CDD 305

MARIA ROSIMERE DE FRANÇA

**ENTRE A SEDUÇÃO E O DESEJO: UMA LEITURA COMPARATIVA
DAS PERSONAGENS FEMININAS DOS ROMANCES *A NORMALISTA E
O CRIME DO PADRE AMARO***

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em 20 de junho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Aldinida de Medeiros Souza

PROFA. DRA. ALDINIDA MEDEIROS DE SOUZA

UEPB

ORIENTADORA

Joana D'ark Costa

PROFA MS. JOANA D'ARK COSTA

UEPB

Marcelo Medeiros da Silva

PROF. DR. MARCELO MEDEIROS DA SILVA

UEPB

DEDICATÓRIA

A Deus;
A minha família;
Ao meu namorado Paulo Sérgio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus Onipotente, pela força que me deu para lutar e superar todas as contradições, a fim de obter essa conquista;

Agradeço, também, a minha orientadora Aldinida Medeiros, pela consideração e dedicação;

A minha irmã, Roseana, bem como aos demais familiares pelo incentivo;

Ao meu namorado, Paulo Sérgio Cunha de Azevedo, pela companhia apoio e carinho em todos os momentos;

A todos os amigos que conquistei no decorrer da trajetória, sobretudo Conceição Araújo, Rozilda Travassos, Tanielba Lêla, Gloriete Diniz e Daiana Correia, dentre outros;

Agradeço aos professores examinadores, Marcelo Medeiros e Joana Dar'k, por aceitarem participar da banca e pelas contribuições da leitura;

Por fim agradeço a todos os meus professores, tanto do Campus de Monteiro como do Campus de Campina Grande, por me auxiliarem e fornecerem os devidos conhecimentos que servirão de base para minhas conquistas. OBRIGADA!

A necessidade é uma exigência de um órgão cuja satisfação se dá, realmente, com um objeto concreto (o alimento, por exemplo), e não sua fantasia. O prazer de bem-estar proveniente daí nada tem de sexual. O desejo, em contrapartida, é uma expressão da pulsão sexual, ou melhor, é a própria pulsão sexual, quando esta respeita duas condições: primeiro, é o objetivo absoluto do incesto, e o meio de aí chegar é o corpo excitado de outro que seja. Sejam claros: uma pulsão pode ser considerada um desejo quando o objeto do qual ela se serve para se satisfazer é o corpo de uma pessoa que ela também deseja

Juan-David Násio

RESUMO

Esta pesquisa monográfica faz uma análise das personagens femininas no tocante à sedução e desejo, nos romances *O Crime do padre Amaro* de Eça de Queirós e *A normalista* de Adolfo Caminha. Para tanto, este trabalho tem como objetivo principal fazer um estudo crítico-comparativo dos respectivos romances a fim de examinar as protagonistas femininas dentro dos enredos. Como aporte teórico buscamos as contribuições de vários teóricos tais como Merquior (1996), Sodré (1965), Freud (1996) e Beauvoir (1980), que abordam fatos da condi o humana, bem como das obras em geral. Observamos, em nosso estudo, que a sociedade permite ao homem ter prazer, e para isso seduzir seja qual mulher for, ainda que isso seja considerado uma forma de incesto, como em *A normalista*, ou pecado contra o voto religioso de castidade, como em *O Crime do padre Amaro*. Todavia, a mulher dessa época representada nos romances   vetada, a condi o de viver plenamente sua libido, de modo que, reprimidas, sucumbem   sedu o “do mais forte”. Ou seja, se não eram livres socialmente para terem desejos sexuais, sucumbiam esses desejos ao primeiro sedutor que afetassem sua libido. Dessa forma, concluímos que existem alguns pontos em comum nas obras analisadas, tais como: a submissão feminina, o desejo, o abuso de poder masculino, a hipocrisia da sociedade em rela o ao poder do homem sobre a mulher, além das críticas lançadas pelos autores a duas situa oes distintas.

Palavras-chave: sedu o, desejo, mulher, Realismo-Naturalismo.

ABSTRACT

This monographic purpose makes an analysis of the female characters concerning seduction and desire in romances *O Crime do padre Amaro*, by Eça de Queiróz and *A normalista*, by Adolfo Caminha. To reach this goal, this work has as its principal objective to make a critical and comparative study of the respective romances in order to examine the female protagonists within the plots. Contributions of several theorists will be presented, such as Merquior (1996), Sodré (1965), Freud (1996) and Beauvoir (1980), who deal with facts of the human condition, as well as the works in general. We notice, in our work, that the society allows men to have pleasure, and for this, seduce whichever woman it is, even though this is considered a form of incest, as in *A normalista*, or a sin against the religious vow of chastity, as in *O Crime do padre Amaro*. However, to the woman it is vetoed, in this time represented in the romances, the condition to fully live her libido, in a way that, being repressed, they succumb to the seduction of “the stronger one”. That is, if they were not socially free to have sexual desires, they succumbed these desires to the seductive environment that affected her libido. This way, we concluded that there are some common points in the analyzed works, such as: the female submission, desire, the male abuse of power, the hypocrisy in society in relation to the power of men over women, and yet the criticism launched by the authors to two different situations.

Keywords: seduction, desire, woman, Realism-Naturalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I-A MULHER NO SÉCULO XIX E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO ROMANCE	14
1.1 A condição da mulher no século XIX	15
1.2 Freud, Simone de Beauvoir e alguns dos estudos sobre a mulher.....	19
1.3 Representações femininas: Maria do Carmo e Amélia	23
2 CAPÍTULO II - ENTRE SEDUÇÃO E DESEJO: NOTAS SOBRE AS PERSONAGENS MARIA DO CARMO E AMÉLIA	32
2.1 A construção da personagem no romance	33
2.2 Maria do Carmo: punição social para a libido da mulher seduzida.....	38
2.3 Desejo versus superego em Amélia: punição e morte	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial desencadearam uma série de mudanças na sociedade. Com as descobertas científicas, o sentimentalismo exacerbado do Romantismo tornou-se inviável. Foi nesse contexto social de descobertas científicas que surgiu o Realismo como uma manifestação artística ligada ao positivismo e ao evolucionismo, privilegiando a objetividade, retratando a verdade e a vida de um modo geral. Nesse sentido, “qualquer conflito do homem com seu ambiente ou circunstante é assunto para os realistas” (COUTINHO, 2007, p. 187).

Além disso, os autores dessa época defendiam o ideário republicano, negando a burguesia e assumindo uma postura totalmente anticlerical. Em Portugal, o advento do Realismo está vinculado à Questão Coimbrã, em 1865, isto é, a polêmica entre jovens estudantes de Coimbra, atentos às novas ideias que vinham da França, Inglaterra e Alemanha, contra os velhos românticos de Lisboa. No Brasil, a publicação de *O mulato* de Aluísio de Azevedo e *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis mudaram o curso das letras em nosso país.

Por sua vez, o Naturalismo surgiu como uma vertente do Realismo fundamentada, sobretudo, na valoração da ciência como instrumento de análise social. Os naturalistas, assim como os realistas, buscavam a verdade trazida pelo conhecimento científico, o que tornava o romance equivalente a um laboratório de observação social. Por isso, as obras se referem às camadas menos favorecidas da sociedade, acentuando “o aspecto fisiológico do homem, bem como o lado animalesco e irracional de suas idéias” (COUTINHO, 2007, p. 187). Dessa maneira, as obras abordam de forma crítica e/ou irônica alguns dos aspectos mais sórdidos do homem, valorizando o coletivo a partir de grupos humanos marginalizados.

Nesse sentido, entre os grupos marginalizados pela sociedade da época podemos citar as mulheres, pois eram vistas como seres inferiores e, por isso, objetos de uma crítica social machista, que as subordinava aos caprichos masculinos, vivendo reclusas, e o “exercício que essas senhoras faziam era quase totalmente confinado em casa [...] viviam cercadas de escravos, e era seu privilégio serem servidas” (HANHER, 2003, p. 40). Assim, as mulheres presentes nas obras literárias do século XIX são na maioria dos casos apresentadas de uma mesma forma, tendo como destino a exclusão social ou a morte.

Muitos autores tiveram suma importância neste período, dentre eles, Eça de Queiroz, autor português de vários romances, tais como *O Crime do padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878), nos quais se faz presente um forte teor de denúncia aos problemas sociais, combatendo as instituições tais como a igreja e monarquia e Adolfo Caminha, brasileiro que tem como destaque de suas obras *A normalista* (1893) e *O bom crioulo* (1895).

Escolhemos, em nosso estudo, estabelecer uma leitura crítica dos romances *A normalista* e *O Crime do Padre Amaro*, *corpus* deste estudo, tendo como principal objetivo trazer algumas comparações entre as protagonistas, Maria do Carmo e Amélia, a fim de examinar e estabelecer um contraponto relativo às representações femininas nos seguintes aspectos: a sedução, o desejo, a submissão e o poder como forma do homem exercer a dominação sobre a mulher, além de examinar as críticas lançadas pelos autores.

O Crime do padre Amaro, escrito em 1875, caracteriza-se como um romance de análise dos costumes da sociedade portuguesa, evidenciando, sobretudo, a Igreja como instituição autoritária, tendo como principal ação da narrativa o caso amoroso entre o padre Amaro e Amélia (moça solteira). Mostra também a supremacia do clero e a vida ociosa das beatas de Leiria como pano de fundo. A vida de regalias e transgressões dos padres é visivelmente criticada, numa mostra do quanto a “beatária” das mulheres contribuía para um cenário que reproduz os interesses e manobras políticas da sociedade. Assim, “Nesse romance a população feminina que frequenta a igreja já procura aplacar, sob as suas arcarias, diferentes imperativos que trajetória de Amélia tem facilidade de catalizar” (DANTAS, 1999, p. 109).

A normalista, escrita em 1893, por Adolfo Caminha, narra a história de Maria do Carmo, órfã de pai e mãe, que passa a viver na casa de João da Mata. Este, quando deveria no papel de padrinho (uma atitude calcada na moral cristã) protegê-la e educá-la, engravida-a.

Ambos os romances trazem, como se sabe ser frequente no Realismo e Naturalismo, uma denúncia de certas situações da sociedade. Isso nos remete a assertiva de Bezerra:

[...] Não nos parece acaso que o subtítulo do romance *A normalista* seja “Cenas do Ceará”, inspirado, talvez, nas “Cenas da vida devota”, subtítulo do romance *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, de quem Adolfo Caminha foi leitor [...]. Eça de Queirós planejava escrever um conjunto de “Cenas da vida portuguesa”. Se ele não cumpriu o objetivo, ao menos as ditas “Cenas” serviram-lhe como ideia, vindo a apresentar-se em alguns de seus romances [...]. Cenas ou episódios denotam um olhar recortado de um fato para o qual o autor voltou a sua atenção e o registrou a fim de, tanto no caso de Adolfo Caminha como no de Eça de Queirós, denunciar o que consideravam importante (BEZERRA, 2009, p. 245).

A relevância deste trabalho se deve ao fato de compreendermos, através da literatura, a questão da sedução e do desejo e como a sociedade da época se portava diante dessas questões quando se tratava de situações amorosas que fugiam à regra, que transgrediam os códigos sociais vigentes. Este tema foi escolhido para ressaltar que, apesar de serem obras literárias, carregam uma força ideológica surpreendente por conter, na ficção, denúncias sociais feitas pelos autores.

Para, além disso, nos últimos tempos vários estudos sobre a condição da mulher têm procurado mostrar a necessidade de diminuir e/ou acabar com a intolerância, o preconceito e o abuso de poder que continuam existindo em relação à mulher, apesar de todas as conquistas femininas.

Dentre os materiais que nos auxiliaram teoricamente, estão artigos, textos teóricos, que contribuíram para enriquecer nossa proposta elucidando as devidas formulações teóricas e críticas em nosso trabalho. Serão apresentadas contribuições de vários teóricos dentre eles Freud (1996), Ferreira Neto (2010), Beauvoir (1980), Merquior (1996) e Sodré (1965), Coutinho (2007), Hahner (2003), entre outros que abordam questões ligadas à condição da mulher representada na ficção, bem como das respectivas obras de um modo geral.

Desse modo, no primeiro capítulo abordaremos a questão da condição da mulher no século XIX à luz de estudos que tratam tanto da condição social da mulher, como as reflexões de Simone de Beauvoir; e de estudos que abordam a questão do prazer nas relações dos indivíduos, como alguns pontos de vista freudianos, além de demonstrar as representações femininas nos romances *A normalista* e *O Crime do padre Amaro*. No segundo capítulo, trataremos sobre a questão da sedução e do desejo nas personagens Amélia e Maria do Carmo. Para isso, iniciaremos este capítulo abordando a construção da personagem no romance, para posteriormente, vermos como ocorreu a punição social para a libido da mulher seduzida. Por fim, tratar da questão do desejo em contraponto com o superego em Amélia que além da punição social, teve como destino no enredo a morte.

CAPÍTULO I
A MULHER NO SÉCULO XIX E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO
ROMANCE

1.1 A condição da mulher no século XIX

Dois sexos, logo duas maneiras de ver o mundo, dois tipos de pensamentos e de psicologia, dois universos diferentes que permanecem lado a lado, sem jamais se misturar. O feminino é um mundo em si, o masculino é outro, e eles dificultam a travessia das fronteiras e parecem ignorar as diferenças sociais e culturais.
Elisabeth Badinter

Durante muito tempo, a figura feminina foi relegada a um plano inferior, educada apenas para ser dona de casa, boa esposa e mãe. Dessa forma, a mulher era socialmente preparada para se tornar um ser pacífico, sem vida própria, totalmente voltada para satisfazer os desejos do homem.

Na verdade, esse “destino é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1980, p. 21). E isso contribuirá para que a passividade feminina seja historicamente construída, visto que é um aspecto desenvolvido desde os primeiros anos de vida. Logo, podemos entender que por mais que se adapte à passividade, é sempre um ser frustrado, carente e sem vida própria que só encontra um sentido estando sob o olhar masculino em que acaba se tornando a medida de todas as coisas. Por outro lado, há algumas mulheres que se identificam como esse perfil, não se sentindo de nenhuma maneira frustradas.

Nesse contexto, embora o menino também receba educação da mãe, “ela respeita a virilidade dele e ele escapa desde logo; ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino” (BEAUVOIR, 1980, p. 23). Ou seja, pela condição social subjugada, as próprias mães durante séculos repassaram esses valores. Em sociedade, os próprios meninos tratam as meninas com superioridade. Além disso, o destino dos homens de maneira geral é totalmente distinto, uma vez que a situação deles não paira no âmbito social e moral apenas, isto é, eles têm o “direito” de satisfazer todos os seus desejos, tratando as mulheres como seres inferiores, uma vez que o patriarcalismo fornece o aval ao homem e este é sempre tomado como ponto de referência, diferente da mulher. Todavia, em nosso estudo, nos deteremos mais no aspecto que envolve sedução e desejo.

Assim, desde os primeiros anos ensinam à mulher que é necessário agradecer, tornando-se objeto, isto é, sem arbítrio próprio, renunciando à liberdade e de certo modo, porque não dizer também renunciando ao próprio viver. Quanto mais ela vai amadurecendo, mais a superioridade masculina cresce, isto é, a figura do pai representa primeiramente o que

há de mais soberano, em que tudo ocorrerá conforme sua vontade e para o seu benefício, bem como a de seus irmãos. Mais adiante será o marido que exercerá esse domínio sobre ela.

Nesse sentido, desde quando o homem começou a formular o pensamento de maneira mais abstrata, construindo sistemas de razão que fossem capazes de explicar o mundo e seu sentido, a mulher passou a ser vista como um ser diferente. Nesse contexto, a mulher acabou ficando interdita, por um longo período da história. Trata-se de uma redução entre sexo e maternidade que contribuiu para a fragilização e discriminação da mulher, enquanto ser social, e dos espaços sociais, “definindo a mulher o que ela é e não pelo que escolhe ser” (BADINTER, 2005, p. 157). Por outro lado, o homem jamais foi definido pela paternidade, pois é a mulher que é definida pelo corpo, enquanto ele está isento dessa qualificação.

Partindo dessa concepção, as autoras Alisson M. Jaggar e Susan R. Bordo, na obra *Gênero, corpo e conhecimento* (1997) afirmam que a experiência humana foi construída tomando por base o sexo masculino como representativo da sociedade. Portanto, o patriarcalismo é um sistema de dominação que ataca o inconsciente e o reduz ao sexo.

Em meados do século XIX, o modelo de família era o patriarcal, em que o marido era totalmente autoritário, desfrutando do direito de ter amantes, enquanto a esposa era uma “escrava doméstica e produtora de filhos que 17

Vivia cercada de criados” (SÁNCHEZ, 2007, p. 169). Todavia, esse perfil de mulher variava de acordo com a classe social, uma vez que as mulheres de classe social menos favorecida, bem como as escravas, trabalhavam bastante para ajudar e/ou para manter a família, mas acabavam de certo modo sendo mais livres do que as pertencentes à classe social favorecidas, pois estas não escolhiam nem ao menos seus maridos. Eram na verdade, usadas para manter a riqueza da família, isto é, não tinham direito de escolher o próprio marido, uma vez que o matrimônio estava ligado a acordos familiares. Nesse sentido, Hanher corrobora:

Para manter o seu prestígio e estabilidade social, as famílias de elite procuravam evitar os casamentos com misturas de raças, tanto quanto o nascimento, honra ou riqueza desigual. Já o casamento servia para proteger a propriedade, os acordos e as convenções sociais, ele não poderia ser deixado ao arbítrio individual, e muito menos as propriedades femininas (HANHER, 2003, p. 45).

Dessa forma, o casamento era concentrado na propriedade, já que a família não almejava perder os bens e por isso as mulheres casavam ainda adolescentes. Assim, conforme a lei portuguesa que também foi adotada no Brasil, a família, a propriedade e os casamentos

eram intrínsecos, “o que tornou a mulher objeto de compra-venda” (SÁNCHEZ, 2007, p. 169). Isso ocasionou várias uniões entre parentes e aliados políticos, uma vez que eram feitos acordos matrimoniais a fim de evitar a divisão de bens patrimoniais.

Com a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, é que ocorreram mudanças significativas na sociedade. Desse modo, a vida nos centros urbanos desenvolveu-se bastante, gerando assim uma diferença ainda maior com o meio rural e “as brasileiras de classe alta começaram a adotar o modelo europeu de influência da Corte” (HANHER, 2003, p. 49). Cada vez mais, eram vistas no teatro, na igreja e em festas, desfilando com elegantes vestidos a fim de promover a família. Destarte, as vestimentas passaram a ser também um indicador social, bem como a residência, visto que só os ricos podiam vestir-se dessa forma.

Com isso, a riqueza só trazia privilégios, pois “a elite, por meio dos seus consórcios entre famílias, controlava o acesso ao status melhor e ao poder político no Brasil” (HANHER, 2003, p. 55). Porém, mesmo que a educação fosse apenas para os homens bem-nascidos, uma parte das mulheres foi escolarizada. Desse modo, Hanher postula que

Com o tempo as meninas ricas não apenas aprenderam a preparar bolos e doces e a coser, bordar e fazer renda, mas também puderam estudar francês, piano e a dançar, e, com tais predicados, oferecer uma companhia mais encantadora e elegante nos encontros sociais (HANHER, 2003, p. 49).

Vale ressaltar que a educação recebida pelas meninas era diferente dos meninos, resultando algumas vezes em leituras de livro de orações. A religião servia também para legitimar, sacramentando “a obediência da mulher ao homem como pretexto do Mandato divino” (SÁNCHEZ, 2007, p. 170). Mas, algumas mulheres a exemplo de Nísia Floresta¹, que embora não tenha pertencido à mesma época dessas referidas obras do Realismo e do Naturalismo foi defensora da educação e dos direitos femininos da época, que lutou por uma postura social e respeitosa, sendo, portanto, emancipada para a época que viveu. Dessa forma, apesar das mudanças surgidas em meados do século XIX nas cidades, a situação das mulheres humildes permaneceu quase do mesmo jeito, ficando apenas para as ricas uma educação que resultaria em uma concentração na base da pirâmide social.

¹ Nisia Floresta nasceu no Rio Grande do Norte (1809). Tornou-se feminista após separar-se do marido. Mudou para o Rio de Janeiro onde fundou uma escola. É autora de várias obras dentre elas uma de preceitos morais e conselhos para meninas, publicada em 1843.

Assim, a desigualdade de chances, durante certo tempo foi “uma criação humana e como produto de uma ideologia a serviço de uma dominação que levou as funções masculinas e femininas a se tornarem desiguais” (TOURAINÉ, 2007, p. 58). Dessa maneira, o sexo masculino era o representativo da sociedade da época e os homens não tinham nenhuma razão para renunciar à própria superioridade, uma vez que essa representação está ligada ao poder como forma de alienação e dominação dos indivíduos.

1.2 Freud, Simone de Beauvoir e alguns dos estudos sobre a mulher

A maioria dos aspectos apresentados no tópico anterior motivaram o surgimento do feminismo na década de 60, nos Estados Unidos, em prol da defesa de uma igualdade de chances e melhores oportunidades, que estimulou as mulheres a lutarem pelos mesmos direitos do homem. Desse modo, Flávia de Matos Mota assegura que

A idéia de que há uma superioridade hierárquica dos homens em relação às mulheres tem base histórica em nossa sociedade. A história das mulheres é prova disso: é uma história de submissão, mas também de luta contra a “dominação masculina” (MOTTA, 2008, p. 53).

Assim, a luta pelo direito à cidadania feminina estendeu-se desde o século XIX até as últimas décadas, alicerçando uma série de estudos sobre o gênero feminino como forma de permanecer visível a situação discriminatória da mulher na sociedade. Com isso, “as discussões em torno do casamento, do amor e da sexualidade ganharam destaque nos seus trabalhos, como temática fundamental para construção de uma nova sociedade” (SÁNCHEZ, 2007, p. 174). Nesse contexto, as feministas também demonstraram a ausência das mulheres nas ciências, nas letras, nas artes e em outras esferas sociais.

Dessa maneira, é com Simone de Beauvoir e Betty Friedan na década de 60 que as ideias feministas foram amplamente divulgadas, pois em suas obras analisaram respectivamente o desenvolvimento psicológico da mulher, denunciando a opressão e a angústia do feminino das mulheres de uma sociedade com base patriarcal. Com isso, “a imagem da mulher tradicional ia-se apagando para dar lugar à outra, mais viril, mais forte, quase senhora 20

de si, senão do universo” (BADINTER, 2005, p. 14). Depois de muitos anos de opressão, finalmente, muitas questões sociais mudaram, favorecendo o espaço ocupado pela mulher em sociedade, ou seja, as mulheres deixaram de ser apenas coadjuvantes, para serem em alguns casos protagonistas de sua história. Contudo, nos dias atuais, algumas ainda são vítimas das mais diversas formas de violência, sejam elas físicas ou psicológicas, pois ainda há muito a se modificar para que a igualdade de gêneros seja conquistada. Partindo do contexto, passamos ao que interessa-nos neste tópico, alguns pontos dos estudos sobre a sexualidade. Nesse sentido, Sigmund Freud e Josef Breuer, na obra *Estudos sobre a histeria* (1895), notaram a presença da questão sexual na neurose e na histeria. Assim, “o livro responde às interrogações da sociedade ocidental do fim do século XIX: a emancipação das mulheres, o questionamento do patriarcado, e uma nova forma de diferença social” (FERREIRA NETO, 2010, p. 19). Concluíram também, que a sexualidade reprimida, sobretudo nas mulheres, gera efeitos que são expressos pelo corpo. Nesse contexto, Ferreira Neto assegura que

A metapsicologia freudiana descreve processos psíquicos sob os pontos de vista de sua localização tópica (consciente versus inconsciente), do ponto de vista econômico (distribuição dos investimentos, pelo aumento ou diminuição da carga psíquica, como no caso da angústia), e do ponto de vista dinâmico (o conflito de forças antagônicas entre o recalçado e seu retorno, como nas resistências) (FERREIRA NETO, 2010, p. 162).

Dessa forma, o ponto de vista tópico (topógrafo) tenta determinar o nível das interações de suas regiões envolvidas nos processos mentais. Essas regiões são definidas como id (reservatório dos impulsos instintivos), ego (eu consciente, parcialmente inconsciente - personalidade) e superego (representante moral, razão que desenvolve a partir do id e tenta dominar o ego). Por sua vez, do ponto de vista econômico, a psicanálise supõe que as representações mentais têm uma catexia² de quantidade de energia definida, sendo, portanto, o curso dos processos mentais regulado pelo princípio do prazer-desprazer (FREUD, 1994). Por fim, do ponto de vista dinâmico, todas as forças atuam de forma recíproca, inibindo-se ou favorecendo-se sendo originalmente instintos.

² Catexia, segundo o conceito freudiano, é a carga afetiva ou investimento libidinal que o ego empenha no entretenimento de determinadas relações objetais. O conceito baseia-se na relação sexual dos pais fantasiada ou não pela criança que interpreta como um ato de violência.

Dessa maneira, em se tratando da classificação dos instintos Freud postula que

Uma análise empírica conduziu a classificação dos instintos em dois grupos: os chamados “instintos do ego” que são voltados para autopreservação, e os “instintos objetais”, que dizem respeito a relações com um objeto externo. Os instintos sociais não são considerados elementares ou irreduzíveis. Especulações teóricas dão lugar à suspeita de que há dois instintos fundamentais que permanecem ocultos sob os instintos do ego e dos instintos objetais, a saber, (a) Eros, instinto que se empenha por uma união cada vez mais íntima, e (b) o instinto de destruição, que conduz a dissolução daquilo que se vive. Na psicanálise, a manifestação da força de Eros recebe o nome de libido (FREUD, 1994, p. 103).

Dessa maneira, os instintos classificados como Eros (vida) representam os instintos de união, de autoconservação e multiplicação, podendo ser exemplificados como comer, dormir, ter relações sexuais. Já o Tânatos (morte) tende a destruição das unidades vitais reconduzindo o ser vivo ao estado anorgânico, como por exemplo, o ódio. Esses instintos são controlados pelo id, ego e superego que controlam a energia psíquica. Não obstante, há algumas pessoas que não conseguem controlar esses instintos, gerando conflitos, pulsões, neuroses, castrações que acompanham os indivíduos no decorrer da vida.

Destarte, a questão do conceito das pulsões, para Freud, não foi uma tarefa fácil, por isso as várias formulações descritas por este cientista. Nesse sentido, a pulsão é “um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático” (NETO, 2010, p. 19). Assim sendo, a pulsão sexual difere do instinto sexual, pois é um impulso em que a energia é constituída pela libido. Não existe na infância e na adolescência pulsão sexual, mas apenas uma série de pulsões que ocorrem parcialmente. É justamente o que ocorre na amamentação, isto é, o prazer que a criança sente transforma a boca em uma zona erógena. Mais tarde, essa erotização é adquirida no beijo, no prazer genital e na reprodução. Nesse sentido, Touraine pontua que

[...] A construção de si é a construção de uma sexualidade a partir de uma experiência do corpo, na qual o sexo ou o desejo sexual é um dos seus aspectos principais. [...] O desejo sexual- a libido-, que é impessoal segundo Freud, através das relações com outros parceiros, transforma-se em relação consigo, em tomada de consciência de si como ser que acima de tudo busca perceber-se e sentir-se como um ser desejoso, em dizendo claramente que o mais importante não é a presença do desejo, mas a relação consigo mesmo, que acontece através do desejo transformado em construção de si, mediado pela relação amorosa com o outro e com os outros (TOURAINÉ, 2007, p. 56-57).

Assim, fica evidente que a construção do indivíduo ocorre graças à sexualidade e de forma mais ampla pelo corpo, pois é através dele que a vida e a identidade são descobertas. Por outro lado, os valores e as regras sociais impõem que sublimemos nossos desejos, contudo, “o

pólo pulsional nunca é totalmente domesticado” (BADINTER, 2005, p. 132). A sexualidade não segue à risca a consciência e a moralidade, uma vez que pertence ao mundo inconsciente e fantasioso do ser humano, tendo como objetivo principal a obtenção do prazer. Nesse contexto, Beauvoir afirma que

O clima em que a sexualidade feminina desperta é pois completamente diferente daquele que o adolescente encontra em torno de si. Por outro lado, no momento em que si defronta a primeira vez com um homem, sua atitude erótica é muito complexa. Não é verdade, como se pretendeu por vezes, que a virgem não conheça o desejo e que seja o homem que lhe desperte a sensualidade; essa lenda evidencia mais uma vez a vontade de domínio do homem que deseja que sua companheira nada tenha de autônomo, nem sequer o desejo que ela tem dele. Na realidade, no homem também é muitas vezes o contato com a mulher que suscita o desejo e, inversamente, a maioria das moças aspiram febrilmente às carícias antes que qualquer mão as tenha tocado (BEAUVOIR, 1980, p. 114).

Convém ressaltar que algumas mulheres desenvolveram a passividade desde a infância, sentindo, assim, a necessidade de abraço, de beijos e de carícias, que mais adiante se transforma em um imenso desejo de ser possuída pelo um homem viril que as complete. Todavia, há aquelas que se entregam por curiosidade e para libertar-se de suas angústias, sem saber das consequências que o ato sexual pode trazer. Portanto, o fator determinante para a saúde mental de um indivíduo é a maneira como é interpretado os acontecimentos da vida, sua base familiar, bem como o desenrolar de sua história. Todos esses aspectos contribuirão para formar o caráter do sujeito.

Estas questões aqui apresentadas nos ajudarão a compreender, na análise das personagens femininas protagonistas dos dois romances escolhidos como *corpus*, que a condição feminina vai estar vinculada aos aspectos psicológicos, conforme os estudos freudianos, mas vai estar representada também na ficção por uma condição social de subjugo ao domínio machista, seja de maneira forçada, como acontece com Maria do Carmo, em *A normalista*, seja de maneira seduzida, como acontece com Amélia, em *O Crime do padre Amaro*. De qualquer modo, ambas ficarão com o psiquismo abalado, sofrendo pelos duelos travados, seja quando o id se impõe ao superego ou vice versa, de modo que crie possibilidades de um desequilíbrio que abre as portas para os conflitos pessoais.

1.3 Representações femininas: Maria do Carmo e Amélia

O romance *A normalista*, de Adolfo Caminha narra a história de Maria do Carmo, protagonista, órfã de pai e mãe que é deixada na casa do padrinho que a educa e com o passar do tempo começa a olhá-la de forma diferente. Maria do Carmo, ao iniciar o namoro com Zuza

conhece a fúria de seu padrinho que passa a persegui-la chegando, por isso, a romper relações com D. Teresinha, sua mulher. Uma noite entra no quarto da jovem e através de artifícios maliciosos a deflora. Esta engravida e é levada para longe da cidade para ter seu filho, que morre na hora do parto. Apesar dos comentários, a jovem retoma sua vida e se prepara para casar com o Alferes Coutinho.

O romance tem início apresentando as personagens centrais durante uma partida de víspera (bingo). Portanto, como assegura Bezerra (2008) “a dinâmica do jogo e o espaço em que ele acontece, a casa de João da Mata, levam a crer que ali se passaria um crime” (BEZERRA, 2008, p. 2). Dessa forma, os personagens são apresentados aos poucos, contribuindo que os leitores se mantivessem atentos a leitura do romance. Todavia, apenas no segundo capítulo, através de um *flashback*, é que a personagem será apresentada de fato, como percebemos no fragmento a seguir

Por último nascera Maria do Carmo, último filho de Mendonça, a caçula, Em 1877 completava seis anos, e, para felicidade dos pais era uma criança verdadeiramente encantadora, com seu arzinho ingênuo e meigo de sertaneja. A cor dos olhos, os dentes, o cabelo- tudo nela era um encanto: olhos puxados para miudinhos e duma brancura e algodão em rama, cabelos negros e luzidos como a asa da graúna- morena clara (CAMINHA, 1994, p. 28).

Percebe-se aqui que a personagem em questão é apresentada por meio de uma série de atributos, bem como através da comparação a elementos naturais. Desse modo, compreendemos que “é possível detectar numa narrativa, as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção lingüístico-literário ou espelho dor ser humano” (BRAIT, 1990, p. 52). Portanto, a personagem do texto lingüístico-literário é feita e concretizada através das palavras. Dessa forma, trata-se de alguém que poderia existir de fato, um ser verossímil, como podemos observar no fragmento:

Havia oito anos que isto fora, mas nos seus momentos de desânimo, Maria do Carmo punha-se a relembrar toda essa tragédia de sua infância. Olhava para o passado com a alma cheia de saudade, recordando tintin por tintin, com se estivesse lendo num livro naqueles tempos que ela pobre menina matutinha, via tudo cor de rosa, através de um prisma límpido e imaculado de sua meninice [...]. Lembrava-se do papai quando voltava do roçado, de camisa e ceroula, chapéu de palha de carnaúba, tostado trigueiro do sol, contando histórias de onças e maracajás. (CAMINHA, 1994, p. 30).

Dessa forma, os autores da época demonstraram que havia uma relação entre “os laços femininos a reprodução dos comportamentos prescritos médica e moralmente para a mulher: o casamento e a procriação” (SOUZA, 1995, p. 301). Além do mais, ou o pretendente as abandona ou há incestos e traições. Por outro lado, percebemos o martírio de Maria do Carmo no decorrer da obra em relação a seu padrinho João da Mata, uma vez que o mesmo nutria um incontrolável desejo e a perseguia por saber que ela tinha um sentimento por Zuza, pois a queria para si. Observemos o seguinte fragmento:

Quantas vezes, quantas! Punha-se, por trás dos grandes óculos escuros, a olhá-la como um pateta, sem que ela percebesse a fixidez de seu olhar cheio de desejo. Maria estava-se pondo moça, entrava nos seus quinze anos, e o padrinho a adorá-la cada vez mais! (CAMINHA, 1994, p. 19).

Para tanto, a mulher tem sido considerada como fonte de desejo, prazer e vida por meio da maternidade, mas também seu corpo permaneceu como um lugar de violência que contribuem para manutenção da desigualdade. Isso é perceptível na obra d'*A normalista*, pois embora a jovem sempre cedesse aos abusos do padrinho, ela sempre se aproveitava da situação. Nesse sentido, “quando a referência é a mulher, ela é colocada sutilmente como objeto sexual” (BEZERRA, 2008, p. 01). Não obstante, o que falta não é apenas uma mãe, mas um noivo, o que faz com que muitas vezes o casamento seja convencional, pois, “muitas vezes esses romances apresentam peculiaridades românticas e depois quebram com as impressões do leitor, inserindo as características mais naturalistas” (FERREIRA FILHO, 2010, p. 07). Pode-se constatar isso no fragmento a seguir:

Imaginava-se ao lado do Zuza, numa casinha muito bem mobiliada, com cortinas de cretone e sala de jantar e um viveiro de pássaros. – Êle, de chambre e gorro sentado na escrivaninha a fazer versos, feliz, despreocupado; ela com um robe-de-chambre todo branco, fitinhas na frente de alto a baixo, cabelo solto, a ler o último romance da moda, recostada na espreguiçadeira, sem filhos... Que vida! (CAMINHA, 1994, p. 42).

Desse modo, é justamente isso que ocorre nessa obra, pois o romantismo aparente bem como a paixão que Zuza nutria por Maria do Carmo quebra-se em um único capítulo da narrativa, pois, para ele o casamento estava ligado à convenção social e ao status. Isso fez com que ele desistisse da jovem e fosse embora. Vejamos a seguinte cena:

Depois veio-lhe à mente a normalista, a cearense do Trilho do Ferro. Muito bonitinha, é verdade, mas uma tôla (sic) que não sabia tratar com rapazes educados. Lá por ser pobre não; mas parecia-lhe tão atrasadinha, assim como apalermada,

indiferente a tudo. Além disto, um nome de matuta – Maria do Carmo. Ainda se fosse Maria Luiza, mas Maria do Carmo! (CAMINHA, 1952, p. 90).

Assim, embora Zuza tivesse algum sentimento pela normalista, não a queria como esposa, uma vez que ela não estava na mesma posição social dele. Além do mais, o desprezo repentino ocorreu também porque “a suposta mediocridade local, expressa através de fofocas e mexericos, teria impossibilitado o namoro de Zuza e Maria do Carmo” (BEZERRA, 2008, p. 04). Dessa forma, uma das particularidades do Naturalismo era a origem como definidora dos papéis sociais associada à influência com o meio. Nesse sentido, justifica-se o seguinte comportamento de Maria do Carmo:

Meses depois Maria do Carmo apresentou-se à Escola Normal para concluir o curso interrompido, estava nédua e desenvolta, muito corada, com uma estranha felicidade no olhar. A sua presença foi como uma ressurreição. - A Maria do Carmo, Heim? Nem parecia a mesma. (CAMINHA, 1994, p. 204).

A *Normalista* é um romance que tem o “pretexto para a pintura vingativa da burguesia da província, hipócrita e repressiva, que o autor aprendera a odiar com vítima dos seus preconceitos contra os casais ilegítimos” (MERQUIOR, 1996, p. 160). Na verdade, esta obra revela uma suposta mágoa do autor em relação às críticas e repreensões que sofrera por ter provavelmente passado a viver com a mulher de um colega. A lentidão da narrativa, associada falta de caráter dos personagens, demonstra a intenção do narrador. Nesse sentido, Bosi afirma que

[...] a última parte da história, passada no campo onde Maria, a normalista, fora morar por ordem do sedutor, canta alencariamente os eflúvios balsâmicos da natureza, aos quais se vêm misturar os não menos balsâmicos anúncios da proclamação da República, uns e outros bastantes para fazer da protagonista, há pouco abismada na desonra e no luto pelo filho natimorto, a lépida noiva de um alferes que surge inopinado para bem acabar a história (BOSI, 1994, p. 194).

Logo, a obra em geral procura evidenciar que em uma sociedade corrupta a (des)honra pode ser limpa sem problemas, já que “as mulheres não tem os mesmos direitos e deveres do homem e, por outro, elas formam uma sociedade separada da masculina” (BADINTER, 2005, p. 150). Cabe lembrar, que isso foi possível devido ao fato de vivermos em uma sociedade machista que vê a mulher como um ser inferior, que serve apenas para servir ao homem seja sexualmente ou de outras maneiras.

Por sua vez, *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz, narra a história de Amaro Vieira que após ficar órfão é adotado por uma marquesa beata. Vivendo em um ambiente onde só havia mulheres e sem nenhum carinho, Amaro torna-se apático. Sem opção, sob imposição da marquesa, torna-se padre, mesmo sem apresentar nenhuma vocação e assume a paróquia de Leiria. Chegando lá, hospeda-se na casa da Senhora Joaneira onde passa a ter um envolvimento com a filha dela, Amélia, de momento, comprometida com João Eduardo, fazendo tudo para separá-los. Amaro conhece a hipocrisia e o cinismo de seus colegas religiosos que não condenam sua relação com a jovem. Amélia engravida, é levada para fora da cidade para ter o filho, mas morre de parto. Amaro vai embora e, sem demonstrar remorso, dá prosseguimento a sua carreira.

A narrativa inicia contando a morte do pároco José dos Miguéis. Porém, seu propósito maior é contar a história do caso amoroso entre a jovem Amélia e o padre Amaro. Dessa forma, Amélia (protagonista) começa a ser descrita apenas no final do segundo capítulo. No instante em que o padre já está hospedado em sua casa ela “apareceu, subindo quase a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma bela rapariga, forte, alta, bem-feita, com uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim” (QUEIROZ, 1998, p. 26). Assim, a protagonista em questão é apresentada como uma moça que além de bela, é educada e muito religiosa que “desejava ser uma freirinha, muito bonita, com um veuzinho muito branco” (QUEIROZ, 1998, p. 74). Nesse contexto, as apresentações contribuem para fundamentar o caráter da personagem, tanto para revelar seus atributos físicos, quanto para explicar de acordo com a estética Realista e Naturalista o aspecto moral e verossímil da personagem. Vejamos o seguinte fragmento:

Amélia mudara muito; crescera; fizera-se uma bela moça de vinte e dois anos, de olhar aveludado, beijos muito frescos [...]. A sua devoção subsistia, mas alterada; o que amava agora na religião e na igreja era o aparato, as festas- as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro, reluzidas entre os tocheiros [...]
(QUEIROZ, 1998, p. 79-80).

Destarte, a beleza da protagonista é enfatizada em muitas partes da obra, demonstrando assim que se trata de alguém que desperta desejo e atrai olhares. Na verdade, o ponto essencial de uma narrativa é a personagem, apesar dos demais elementos, tais como enredo, tempo e espaço terem suma importância. Por outro lado, é em João Eduardo que as aspirações burguesas de Amélia serão conjugadas. Dessa forma, o casamento entre ambos exerceria respeitabilidade social, embora ela apenas sentisse estima pelo “bom moço; que

poderia ser um bom marido; mas sentia dentro de si o coração adormecido” (QUEIROZ, 1998, p. 71). Diferentemente de Amaro, João Eduardo é apenas um álibi para Amélia, representando somente como uma espécie de fuga, mesmo não possuindo os valores religiosos pelos quais ela foi educada. Nesse contexto, Amélia experimenta uma espécie de orgulho burguês, devido ao fato da posição ocupada por Amaro e este se aproveita da passividade feminina para, exercendo um cargo que lhe dá privilégios, seduzir Amélia. Constatemos isso no fragmento a seguir:

Depois de casada, decerto, tornaria a encontrar o senhor Padre Amaro... E então uma ideia atravessou todo o seu ser, fê-la erguer bruscamente, ir por instinto procurar a escuridão da janela para ocultar a vermelhidão do rosto. Oh! Isso não... Era horrível!...Mas e ideia implacável apoderava-se dela como um braço muito forte que a sufocava e lhe dava uma agonia deliciosa [...] murmurou repetidamente, com paixão, torcendo as mãos o nome de Amaro [...] (QUEIROZ, 1998, p. 79-80).

Na realidade, Amélia, no desenrolar da trama, deixa de ser uma simples moça religiosa para transformar-se em uma mulher que se enamora do padre, mente, engana a todos e, mesmo sob medos e receios, satisfaz seus desejos. Contudo, há instantes em que ela se mostra arrependida e teme ser castigada por Deus, como podemos perceber no trecho seguinte:

- O que era ela no fim? A concubina do senhor pároco. E esta ideia, posta assim descarnadamente, parecia-lhe terrível. Não que lamentasse a sua virgindade, a sua honra, o seu bom nome perdido. Sacrificaria mais ainda por ele, pelos delírios que ele lhe dava. Mas havia alguma coisa pior a temer que as reprovações do mundo: eram as vinganças de Nosso Senhor (QUEIROZ, 1998, p. 303).

A religião, embora mais forte em Amélia, exerce uma grande influência sobre ambas as protagonistas, uma vez que Maria do Carmo também recorreu aos santos quando se arrependeu do ocorrido. Esse sentimento fez com que Amélia negasse os afagos do padre. É interessante notar que as duas foram mandadas para longe da cidade, para que as pessoas não descobrissem o ocorrido. Entretanto, Amélia que padece mais, tem impressão de que vai morrer. Assim, vejamos;

Caiu então numa melancolia histérica que a envelhecia; passava os dias suja e desarranjada, não querendo dar cuidados ao seu corpo pecador; todo o movimento, todo o esforço lhe repugnava; as mesmas orações lhe custavam, como se julgassem inúteis; e tinha atirado para o fundo de uma arca o enxoval que lhe andava a costurar

para o filho-porque o odiava aquele ser que ela sentia mexer-se-lhe já nas entranhas e que era a causa de sua perdição (QUEIROZ, 1998, p. 292).

O desfecho desta obra difere d'*A normalista*. Amélia ao ter que sofrer pelo fato de seu filho ser retirado após o nascimento, é punida com a morte. Na verdade, “O crime do padre Amaro está longe de se resumir nos amores do pároco pela devota- além do beijo e seus acessórios, que neles existe” (SODRÉ, 1965, p. 110). Há uma crítica social bem nítida em que o clero é apresentado sob os mais variados aspectos, isto é, com farsantes, que não se importam em assegurar a moral e os bons costumes sociais.

Portanto, as personagens Amélia e Maria do Carmo, foram representadas como mulheres passivas refletiram tradicionalmente a ideia subjacente no pensamento tradicional de uma associação natureza/cultura em que são aquelas que devem ser sempre subjugadas, dominadas por meio do poder físico, ideológico ou sexual masculino. Cabe ressaltar, que no capítulo seguinte é que elas serão estudadas mais amiúde, para que possamos realmente compreender todos os aspectos que pretendemos analisar, demonstrando assim o quanto a mulher foi (e ainda é) um mero objeto para o homem.

CAPÍTULO II
ENTRE SEDUÇÃO E DESEJO: NOTAS SOBRE AS PERSONAGENS
MARIA DO CARMO E AMÉLIA

2.1 A construção da personagem no romance

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é ilimitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas.

Antonio Cândido

Tratar da questão da personagem implica percorrer caminhos trilhados pela crítica. Sendo assim, é impossível não começarmos pela Grécia Antiga, visto que foi lá que os pensadores tais como Aristóteles, impulsionaram o conhecimento.

Não é ofício de o poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa [...] - diferem sim em que diz um as coisas que sucederam e outro as coisas que poderiam suceder (ARISTÓTELES, apud BRAIT, 1990, p. 30).

Destarte, os estudos de Aristóteles foram essenciais à questão da personagem, revelando a maneira que o autor encontra para fornecer verossimilhança as suas obras. Nesse período, as questões tratadas estavam mais ligadas à arte, embora já fossem incluídos os estudos sobre a personagem. Logo, cabe afirmar que a personagem pode ser conceituada como uma composição feita por meio da seleção oferecida pela realidade, associada aos recursos de construção. Outro dado, e que a quantidade de personagens independe para o enredo: “[...] se houver uma só personagem, isso não implica como pensa alguns, unidade de enredo. Com efeito, numa só pessoa concentra-se uma infinidade de acontecimentos” (ARISTÓTELES, 1968, p. 52).

Entretanto, essa visão aristotélica serviu de modelo até o século XVIII, e foi reiterada por Horácio que vê os personagens como “modelos a serem imitados”, como os seres humanos. Somente a partir do século XVIII essa visão entrou em declínio sendo substituída pela “personagem como representação do universo psicológico de seu criador” (BRAIT, 1990, p. 37). Isso se deu graças às mudanças ocorridas no final deste século para o outro.

Alguns estudiosos, seguidores da *Poética* aristotélica acordam quanto ao tema da personagem defendendo que esta depende do enredo e se apresenta diretamente ligada a este. Todavia, convém ressaltar que a visão de Aristóteles trata da personagem no teatro, mas é do grande pensador grego que partem os estudos neste campo. Assim, outros teóricos postulam que a personagem ganha movimento independente do enredo, como se percebe na assertiva de

Surmelian (1969), citado por Massaud Moisés “[...] lemos romances antes de tudo pelas personagens que revelam. Isso é que os tornam tão fascinantes e tão instrutivos” (MOISÉS, 2004, p. 349). Nesse sentido, Cormeau (1947), também citado por Moisés, indica que

[...] evocar a materialidade de uma personagem, tornar-lhe tangível a presença e sensível o movimento, fazê-la dar três passos na rua, empurrar uma porta, adentrar um aposento, - pode ser o alfa e o ômega da arte romanesca” (MOISÉS, 2004, p. 349).

Para pensarmos sobre a personagem, foi com a chegada do Romantismo que surgiram os romances de cunho psicológico e histórico. Mas é justamente com o advento do Realismo e do Naturalismo que se deu ênfase ao estudo científico do temperamento humano e dos meios sociais. Na verdade, o Realismo, como o próprio nome sugere, vê as coisas sob a ótica realista, opondo-se ao idealismo e ao Romantismo. Desse modo, no âmbito da literatura, as obras são uma imitação da realidade “utilizando das impressões sensíveis, procura retratar a realidade graças ao uso de detalhes específicos” (COUTINHO, 2007, p. 190). A estética Realista reflete a postura do positivismo, do socialismo e do evolucionismo, buscando retratar os indivíduos, sobretudo os humildes, aqueles que possuem uma vida contraditória.

O Naturalismo concretizado por Èmile Zola (1840/1902) traduzia, em síntese, na ficção literária, o grande quadro de transformação social da segunda metade do século XIX, empregando técnicas fornecidas pela época aliadas a outras já existentes, tais como o “ornamento imaginativo, de falso espiritualismo para admitir, em substituição, os recursos que o surto científico vinha fornecendo e que, assim, faziam a sua entrada nos domínios literários” (SODRÉ, 1965, p. 73).

Assim, os romances naturalistas consistiam em um inventário da realidade ligado ao cientificismo, sendo, portanto, considerado como uma narrativa de tese, visto que comprova o desenrolar dos fatos, ligando-os aos fatores biológicos. Nesse contexto, José Guilherme Merquior pontua que

O relato naturalista não se define como uma simples observação, mas como inventário da realidade, como registro minucioso e sistemático da experiência fátual. Mas “o “inventário” se pretende “científico”, e, por isso, ilustra necessariamente uma teoria casual-já que o determinismo causalista é inerente ao cientificismo (MERQUIOR, 1996, p. 151).

Procurando comprovar teses deterministas, os escritores naturalistas tinham preferência por personagens mórbidos, desequilibrados, prostitutas, pois de acordo com esta visão o homem é um animal sujeito a forças que determinam seu comportamento. Dessa maneira, nas obras naturalistas os personagens foram construídos para enfatizar questões pouco abordadas, tais como o aborto, a sedução, o adultério, o estupro, homossexualismo, dentre outros que apresentam certo tom de lascividade assim existentes na sociedade.

Nesse sentido, muitas personagens se assemelham aos seres vivos tanto no modo de ser, quanto na aparência física. Isso pode ser constatado nas obras Realistas e Naturalistas em que a criação de uma personagem parte da observação de aspectos da realidade. Assim, Candido postula que

Os realistas do século XIX levaram ao máximo esse povoamento do espaço literário pelo pormenor -, isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada. A seguir fez-se o mesmo em relação à psicologia, sobretudo pelo advento e generalização do monólogo interior que sugere o fluxo inesgotável da consciência (CANDIDO, 2007, p. 79).

Nos dois casos, há sempre uma relação entre vários traços que dão significado à obra, isto é, uma simples mancha na camisa, um sinal, a aparência física, a linguagem ou a organização de um cômodo contribuem para o sentido do romance como um todo. Todavia, um “personagem não é exclusividade do modo narrativo (literário): também o texto dramático, a banda desenhada e o filme do que dela carecem, e mesmo alguns poemas líricos, se pensarmos na balada, gênero dotado de narratividade” (VIEIRA, 2008, p. 229). Logo, todo e qualquer processo narrativo é responsável pela criação das personagens, bem como dos demais elementos que são: ação, tempo, espaço.

Nesse sentido, Georg Lukács em sua obra *Teoria do romance* (1920) faz uma discussão acerca da gênese, natureza e caminhos do romance, relacionando-os com a sociedade burguesa, em que a figura do herói é um dos pontos fundamentais para o estudo da personagem. Mas apesar da questão da personagem ainda está intrínseca ao modelo humano este autor “submete a estrutura do romance, e conseqüentemente a personagem à influência determinante das estruturas sociais” (BRAIT, 1990, p. 39). Assim, a narrativa é relacionada ao mundo da burguesia, em que o herói (problemático) está em confronto com o mundo do conformismo e das convenções. Nesse contexto Armstrong postula que

Acredito que a moral burguesa plasma a riqueza material de uma nação moderna com a mesma força com que o berço e a casta plasmaram as primeiras nações modernas e a antiga aristocracia. Assim, podemos entender a moral burguesa como força específica de pensamento mágico, e o romance como seu modo de difusão mais eficaz (AMSTRONG, 1999, p. 336).

Nesse contexto, a personagem do romance é construída levando também em consideração a relação entre o leitor e o texto narrativo. Por sua vez, “as ações a ela imputadas, e com as quais também é construída (a par de outros processos) provêm desta relação dual” (VIEIRA, 2008, p. 238-239). A personagem ganha autonomia através da ação, pois é a ação que a determina e não o contrário, portanto, estão em patamares iguais. Na verdade, não existe personagem fora da ação, uma vez que é a ação que fornece autonomia a personagem. Na realidade, a ação representa um processo narratológico bastante complexo, e não um conjunto de processos singulares como foi concebido.

Ainda no que concerne a personagem, alguns estudiosos se preocuparam em fazer a classificação da personagem, dentre eles E. M. Forster que em sua obra *Aspectos do romance* (1969) classificou as personagens em dois tipos, plana (sem profundidade psicológica) e redonda (complexa, multidimensional). A primeira pode ser definida em poucas palavras, não evoluindo e nem surpreendendo no decorrer da narrativa, sendo subclassificada como tipo e caricatura. Desse modo, as personagens denominadas como tipo são aquelas que “alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação [...]. Quando a qualidade ou idéia é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente ao serviço da sátira, a personagem passa a ser uma caricatura” (BRAIT, 1990, p. 41). Já a segunda, é mais complexa, dinâmica, apresentando inúmeras qualidades, surpreendendo o leitor, sendo construída também com peculiaridades humanas.

Pensando se a personagem vem em primeiro ou segundo plano, na narrativa, estas podem ser classificadas como protagonistas ou personagens secundárias. Nesse sentido Vieira postula

A participação da personagem romanesca tanto nas sequências de maior peso como nas de menor relevo para o desenrolar da história (ou «distribuição diferencial»), assim como a protagonização da sequência sem necessidade de suporte de outras personagens («autonomia diferencial») constituem dois procedimentos ligados à sequencialização elementar responsáveis pela construção das protagonistas (VIEIRA, 2008, p.241).

A sequencialização elementar, isto é sequência lógica de acontecimentos é um processo muito relevante para construção da personagem, associada aos demais elementos que compõem o desenrolar da narrativa, bem com as sequências que têm outro peso, uma vez

que a maneira como uma personagem participa ou não de determinada cena vai aos poucos a caracterizando e ao mesmo tempo fornecendo equilíbrio a obra.

Portanto, graças aos recursos de caracterização a personagem passa a ser descrita e definida com um ser contraditório, infinito e rico que só pode ser compreendido através da imaginação do leitor. Vale ressaltar, que antes de qualquer coisa ela obedece a uma linha de coerência fixa fornecida pelo autor da obra.

2.2 Maria do Carmo: punição social para a libido da mulher seduzida

A normalista bem como *O Crime do padre Amaro*, são obras que tratam entre outros aspectos sobre o desejo em relação ao indivíduo sem nenhuma liberdade de escolha da sociedade em questão: a mulher. Dessa forma, tanto Eça de Queiroz, quanto Adolfo Caminha, construíram suas personagens dotadas de sentimentos presentes no universo humano, tais como a melancolia, a paixão e a saudade. Logo, um personagem nada mais é do que um elemento ligado à ação, fatos e acontecimentos movimentado por um tempo e um espaço determinado, na qual exercerá certas funções a partir da identidade apresentada. Nesse contexto, somos seduzidos por um conjunto de traços que compõem esses seres fictícios que muitas vezes representam a complexidade do homem de maneira simplificada. Vejamos:

Um tédio invencível, um desânimo infinito foi-se apoderando de Maria do Carmo a ponto de lhe alterar os hábitos e as feições. Começou a emagrecer, a definhar, enfadando-se por dá cá aquela palha, maldizendo-se [...]. O seu desejo, seu único desejo era viver só, completamente só numa espécie de deserto, longe de todo ruído, longe daquela gente e daquela casa, num lugar onde ela pudesse ver o Zuza todos os dias e dizer-lhe tudo o que quisesse tudo o que lhe visse a cabeça (CAMINHA, 1994, p. 66-67).

Assim, mesmo que o romance fosse criado com base em um ser verídico, o narrador não conseguiria desvendar todos os traços de personalidade de um sujeito, bem como de todo seu modo de ser, daí a magia da ficção. Nesse contexto, “as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido - ao contrário do caos da vida” (CANDIDO, 2007, p. 55). É preciso entender que um personagem não é um ser vivo (pessoa) e nem muito menos a representação do universo psicológico ou social do autor, mas uma cópia feita através da língua(gem), capaz de representar as paixões, ações, defeitos e qualidades humanas. Observemos:

Maria do Carmo não podia disfarçar a tristeza, a ponta de inveja concentrada que lhe tomava de assalto a alma inteira. Sentara-se a mesa por civilidade, para corresponder aos reclamos da viúva, mas seu único desejo era ir-se embora para casa; a festa da amiga fazia-lhe mal aos nervos, e, ademais, o Zuza proibia-lhe de ir a qualquer parte onde ele não estivesse. Fora ao casamento da Lídia porque o padrinho a obrigara, não por sua espontaneidade. E ali estava casmurra, silenciosa, com um arzinho recolhido de *filha de Maria*, vendo sem ser, ouvindo sem ouvir as pessoas, os ruídos, numa abstração infinita, no meio de toda a gente que festejava o casamento do mundo (CAMINHA, 1994, p. 130).

Dessa forma, a personagem é o centro da narração e a hierarquia de suas ações permite construí-la por meio da diferença das suas atitudes, e a maneira como ela se comporta gera sua complexidade envolvendo de maneira decisiva o destino da personagem. Sendo assim, muitos os aspectos são responsáveis pela construção da personagem revelando interesses e capacidade psicológica tais como “os diálogos ou monólogos (reveladores de espaços de convívio, de rivalidade ou solidão), a seleção de linguagem contundente ou modalizada” (VIEIRA, 2008, p. 295). Logo, as protagonistas alcançam um nível mais elevado em relação às outras personagens, dando espaço para construí-las a partir da diferença das ações e caracterizações. Constatemos isso no trecho a seguir:

Com efeito, Maria agora, para não desagradar ao padrinho, obedecia-lhe cegamente, com a resignação indolente e fria duma escrava [...]. Consentira, pudera não! Sem a menor resistência que o amanuense afegasse-lhe o bico dos seios virgens e lhe passasse a mão pelas coxas tenras e polpudas [...]. E ela não tinha remédio senão ficar quieta, imóvel, com o olhar úmido no teto, abandonada as carícias sensuais daquele homem repugnante que a perseguia como um animal no cio, mas que afinal de contas era seu padrinho (CAMINHA, 1994, p. 114).

Destarte, não somente essa obra, mas muitas outras parecem zombar dos valores sociais, demonstrando que todo conhecimento adquirido não é capaz de vencer os instintos e os desejos da carne que atravessam homens quando se vêem diante de belas mulheres. A atitude de João da Mata está ligada a esse fato, uma vez que desde o início da narrativa ele não conseguiu controlar os instintos, usando e abusando do seu poder para assediar a jovem. Para tanto, apesar das normas reguladoras encontradas em diferentes épocas, a força do desejo, embora se apresente de maneira distinta tanto em homens quanto em mulheres, representa e marca o destino de muitos indivíduos. Sobre este aspecto, Beauvoir (1980) assegura que

O desejo do homem é violento, mas localizado e o deixa-salvo talvez no instante do espasmo – consciente de si mesmo; a mulher, ao contrário, experimenta uma verdadeira alienação; para muitas, essa metamorfose é o momento mais voluptuoso

e definitivo do amor, mas ela tem também um caráter mágico e assustador (BEAUVOIR, 1980, p. 131).

Nesse sentido, se o desejo do homem é totalmente frio e brutal, a mulher torna-se um ser apático, pois para ela o sexo vem acompanhado de valores morais que impossibilitam o surgimento do prazer. De fato, o corpo feminino é de certo modo, histérico, isto é, nem sempre há um distanciamento entre os fatos conscientes e sua expressão orgânica.

Para tanto, podemos estabelecer uma relação entre as personagens e seus sonhos, pois os símbolos que surgem são praticamente os mesmos e remetem ao ato sexual. Nesse sentido, Ferreira Neto assegura que

Para Freud, o sonho tem a função de proteger nosso sono, para evitar que lembranças muito ansiosas nos acordem pela madrugada [...]. Não estamos conscientes ao dormir, estamos pré-conscientes, conseguimos sonhar sempre que dormimos, já que não podemos evitar o sonhar. Para entendermos nossos sonhos, temos que fazer a operação inversa: transformar visuais do sonho em ideias, aquelas mesmas ideias que tentamos afastar. É o chamado retorno recalçado (FERREIRA NETO, 2010, p. 37).

Assim, em boa parte de nossos sonhos estão implícitos nossos desejos de maneira confusa ou aparentemente sem sentido como o de Maria do Carmo na noite do defloramento, em que sonhou com o “negro Romão com calças arregaçadas, um barril na cabeça, a gritar-*Arre corno!*” (CAMINHA, 1994, p. 138). Não foi a primeira vez que Maria do Carmo sonhou com o negro Romão. Em outra noite, ela sonhou quase a mesma coisa, só que neste caso ele a agarrou, tentando beijá-la. Aqui, embora pareça sem nexos, à protagonista teve uma ligeira impressão de que algo estava para acontecer.

Dessa maneira, a presença do negro Romão simboliza força e o poder aliado a repulsa por ser considerado um homem sem atrativos. E o fato desse homem asqueroso agarrá-la à força representa a figura de João da Mata, pois este sempre fez isso. Talvez no âmago de seu ser, após os abusos de seu padrinho ela já esperasse por isso, mesmo que não fosse dessa maneira, visto que posteriormente ela não lembrou o restante do sonho. Este foi uma espécie de sonho que Freud define como realização de um desejo inconsciente de uma relação incestuosa com o seu padrinho, isso ocorreu talvez pelo complexo de Édipo mal resolvido justamente por ele ser um representante e/ou substituto do pai.

Desse modo, constatamos que na ânsia de possuir a afilhada, João da Mata foi capaz de persuadir à jovem, utilizando para isso seu poder. Nesse contexto, observemos o que ele

fez para possuir Maria do Carmo e o que esta fez para impedir e/ou permitir a consumação do ato

- Juro-te, continuou ele, juro-te que casarás com o Zuza, mas, por amor de Deus, deixa... ou não contes mais comigo para coisíssima alguma. Por alma de tua mãe, que está no céu. Olha sou eu quem te pede... Ninguém saberá o próprio Zuza não poderá saber nunca... É como se não tivesse havido nada, são segredos que não aparecem, sabes? Eu te peço... As palavras do padrinho, embebidas de voluptuosidade e ternura, o nome do Zuza pronunciado naquele instante, e, mais que tudo isso, a invocação feita à alma de sua mãe, confundiam-lhe os sentidos, acordando no seu coração de donzela a que ele tinha mais delicado. Teve piedade do João, com se ele fosse na verdade o mais desgraçado de todos os homens. Sentia-o a seu lado, humilde com um ser desprezível que reconhece a sua baixaza, com uma tremura na voz, rendido, suplicante, e não teve coragem de enxotá-lo, de dar-lhe com a mão na cara e de desaparecer para sempre daquela casa imoral onde ela vivia tristemente as recordações do passado, como uma flor que vegeta num montão de ruínas (CAMINHA, 1994, p. 142-143).

Por sua vez, a jovem é levada pelas circunstâncias e se entrega ao padrinho, sem o saber, “João da Mata encontrou numa dessas predisposições de corpo e alma, em que a mulher não tem forças para resistir às seduições de um homem astuto e audacioso” (CAMINHA, 1994, p. 143). Após o ocorrido, Maria do Carmo experimentou uma sensação de arrependimento que a fez passar horas trancada no quarto, lamentando a vida. Além disso, o fato de em todo momento após o defloramento ela ter ficado desgostosa e arrependida, percebemos a presença do superego acima do Id em relação a sua pulsão sexual pelo padrinho, bem como ao seu próprio desejo.

Nesse sentido, o “sentimento de culpa normal, consciente (consciência), não apresenta dificuldades ele se baseia na tensão existente entre o ego e o ideal do ego, sendo expressão de uma condenação do ego pela sua instância crítica” (FREUD, 1996, p. 64). O responsável por esse tipo de sentimento permanecer no inconsciente é o ego. Por isso, em Maria do Carmo percebemos que o ego esteve aflorado, não somente pela culpa sentida, mas por controlar a função cognitiva, tornando-se uma espécie de processo superior, mediando como e quais instintos podiam ser satisfeitos em compasso com o ambiente circundante. Destarte, apesar de ter se deixado levar pelos abusos do padrinho, a jovem permaneceu consciente diante da situação, sabendo distinguir as coisas da mente, contrapondo com o mundo externo.

No tocante a João da Mata, não há arrependimento, nem lamentação, pelo contrário, parece que nada aconteceu, demonstrando que é um ser pevertido. Contudo, a figura de Elesbão faz uma crítica à educação feminina quando diz que “a nossa educação doméstica é detestável, os nossos costumes são de um povo analfabeto” (CAMINHA, 1994, p. 194).

Assim, a justificativa para o ocorrido com Maria do Carmo seria a falta de preparo, de orientação, e, sobretudo de uma boa educação doméstica, aspectos que seriam essenciais à mulher da época, para que sejam tão suscetíveis as artimanhas masculinas, além tecer crítica ao atraso provinciano.

Como é perceptível a personagem em questão foi descrita e definida apenas para a fim de dar a nítida impressão de vida por meio da relação entre o ser vivo e o ser fictício, reinventado através de palavras e imagens, mas para ser encarada como um ser de linguagem com fisionomia própria. Para tanto, pode ser classificada como uma personagem esférica, visto que apresentou algumas surpresas no decorrer da obra, deixando de ser apenas uma menina que a tudo temia, para tornar-se uma mulher desmentida, sendo como uma espécie de janela aberta para observação da complexidade do ser humano. Todavia, é necessário estar atento às pistas linguísticas fornecidas pelo autor para dar vida às criaturas de papel que refletem um pouco de nós.

2.3 Desejo versus superego em Amélia: punição e morte

O Crime do padre Amaro faz um exame crítico da sociedade portuguesa em um instante que a religião estava comungada à ideologia burguesa, enfatizando seu caráter repressor e deformante. Dessa forma, ao lançarmos um olhar crítico sobre os personagens compreenderemos melhor o comportamento da protagonista, pois para ela a religião cumpre a função de passaporte para o imaginário, bem como um distanciamento do ócio. Sua educação teve as mesmas referências, desempenhando um papel muito significativo em seu destino. Assim, corrobora Dantas

Reduzindo a atividade feminina a duas funções básicas que o mito da Virgem Maria reúne a virgindade e a maternidade, essas interpretações promoveram tanto a marginalização da mulher eliminando-a de todo papel público seja na igreja seja na sociedade, quanto às justificativas que legitimam tal procedimento. Isso porque a mulher concedida pela misoginia patriarcal é, paradoxalmente, um elemento perigoso e ameaçador, um ser frágil em perpétua menoridade, bem como a única responsável pelo pecado ancestral [...] (DANTAS, 1999, p. 141).

Nesse contexto, o homem é considerado como um ser superior, excluindo a mulher de qualquer responsabilidade pública, ficando apenas reclusa em casa. Marginalizada, encontra na religião uma forma de diminuir as agruras da vida. Paradoxalmente, a Igreja nessa

obra funcionava tanto como um lugar de respeitabilidade quanto de cerimônia mundana, dotada de luxúria e soberba em que são preservados valores tradicionais relativos à mulher.

Destarte, o trajeto e o drama de Amélia podem ser explicados pelos valores burgueses dirigidos pelo âmbito religioso. Especificamente, há dois instantes que marcam a sua formação. Na infância, com a história contada pela sua mestra de uma freira que morrera de amor e na adolescência na composição do Tio Cegonha, logo após a sua primeira decepção amorosa que a fez ter sonhos. Por sua vez, sonha com o frade franciscano com olhos profundos e uma freira pálida encostada à grade negra do mosteiro, além de “um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com hábitos de convento e um ruído inefável de beijos insaciáveis, levadas por um vento místico” (QUEIROZ, 1998, p. 78). O contexto do sonho de Amélia revela o desejo associado à proibição moral, pois o frade e a freira são servos de Deus e, portanto, não podem desfrutar dos prazeres da carne, já que fazem voto de castidade. Talvez a figura do frade seja a representação antecipada de Amaro, uma vez que compreendemos que há um deslocamento do sonho, além de demonstrar os desejos de seu inconsciente.

Para tanto, o relevo da personagem é diferenciado por meio da hierarquia das ações e, portanto, há uma “relação direta entre personagem principal e ação principal” (VIEIRA, 2008, p. 247). Isso ocorre porque elas sempre protagonizam essas ações principais e muitas vezes também fazem parte das ações secundárias, pois ocupam o mesmo espaço narrativo. Vejamos

No domingo seguinte, a missa das nove horas da Sé, Amaro ao subir para o altar, entre as devotas que se arredavam, viu de relance Amélia ao pé da mãe com seu vestido de seda preta de largos folhos. Cerrou um momento os olhos; e mal podia, sustentar o cálice com as mãos trêmulas. [...] A mulher de Carlos Botica disse baixinho a Amélia “que o senhor pároco estava tão amarelo que devia ter alguma dor”. Amélia não respondeu, curvada sobre o livro, com todo o sangue nas faces. E durante a missa, sentada sobre os calcanhares, absorta, a face banhada num êxtase baboso, gozou sua presença, as suas mãos magras erguendo a hóstia [...] como se ele fosse o próprio Deus [...] (QUEIROZ, 1998, p. 128-129).

Nesse contexto, Amélia experimenta uma espécie de orgulho burguês, devido ao fato da posição ocupada por Amaro e este se aproveita da passividade feminina para exercer o seu despotismo. É nesse instante que o aliciamento do pároco começa com “um brilho terno no olho, tocava fugitivamente o pé de Amélia debaixo da mesa; ou, fazendo um ar sentido, dizia que muito pesava não ter uma irmãzinha assim” (QUEIROZ, 1998, p. 76 - 77). Dessa forma, a

mulher é definida como algo tão negativo que pode nem existir para o homem, sendo apenas um objeto de fantasia fundamental da sexualidade masculina. Assim, quem dirige o desejo é o homem, pois para a mulher o desejo só existe no sonho.

Logo, para entendermos melhor o comportamento de Amaro, isto é, uma explicação psicológica de seu comportamento, devemos observar a sua formação no seminário. Pois é nesse contexto

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera [...]. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a salvadora; mas ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca [...] (QUEIROZ, 1998, p. 46).

Nesse sentido, é interessante observar que a primeira mulher desejada por Amaro é a Virgem Maria, fato que torna a relação impossível, pois fica apenas no plano onírico “a distinção entre social e psicológica, feita ou não à imagem e semelhança da sociedade e mente humana, é um princípio gerador das personagens” (VIEIRA, 2008, p. 295). Com isso, Eça de Queiroz, através da figura do padre, repassa o mundo “secreto”, em que a sexualidade dos clérigos é tão aflorada como a de qualquer homem, dotada de fantasias. Além do mais, podemos notar que o sonho do padre há o Complexo de Édipo, pois a Virgem Maria representaria a mãe que ele não teve.

Assim, em certos aspectos podemos compará-lo a João da Mata padrinho de Maria do Carmo que “escapou milagrosamente de ser preso por crime de defloração numa menor, criada do Dr. Morais e Silva” (CAMINHA, 1994, p. 17). Dessa forma, percebemos que ambos os protagonistas não possuem uma boa índole o que justifica a atitude irresponsável perante as jovens. Portanto, “por razões culturais, a repressão mais intensa recai sobre os instintos sexuais” (FREUD, 1994, p. 105). É justamente com relação a esses instintos que a repressão se extingue, acentuando a sexualidade reprimida. A vida sexual, ao contrário do que muitos acreditam, não começa na adolescência, mas desde o início da vida. Porém, é a partir da adolescência que é anunciado ou não o caráter perverso de um sujeito.

De acordo com Ferreira Neto (2010) a perversão representa as mais variadas formas de prazer, sem conotação moralista, pejorativa ou condenação. Dessa maneira, uma educação repressora pode transformar um ser perverso em neurótico. É justamente isso que ocorre com Amaro, já que diferentemente de João da Mata, Amaro usou de artifícios maliciosos para separar Amélia e João Eduardo, aconselhando “minha filha, pensa que um homem assim pode

ter bom coração, apreciar sua virtude, querer-lhe com um marido cristão? Quem não tem religião não tem moral” (QUEIROZ, 1998, p. 161).

Dessa forma, Amélia na condição de mulher é considerada como um indivíduo sem livre arbítrio, necessitando de um pastor, alguém que lhe oriente para um bom caminho. Ele, aproveitando-se da situação, exerce seu poder a fim de possuir a jovem. Não obstante, ela não se deixou levar apenas pela situação, não sendo, portanto, tão determinista quanto Maria do Carmo. Assim podemos notar

Insensivelmente atraída, roçava-se-lhe pelo ombro; e recuava logo, inquieta de ouvir a sua respiração tão agitada, de o sentir tão junto das saias. Percebia, por trás, sem a ver, a escada que levava ao quarto dele. Tinha um desejo imenso de ir ver, acima, os seus móveis, os seus arranjos [...] (QUEIROZ, 1998, p. 223).

Dessa maneira, percebemos que há uma busca incessante, em que as personagens são atraídas sexualmente. Isso ocorre, sobretudo no romance de Eça, visto que tanto Amélia quanto Amaro se desejam mutuamente e a todo instante. Assim, quando “Amélia e o pároco ficaram sós na sala. Os seus olhares reluziam logo o desejo de se tocar, de se beijar, mas as portas estavam abertas; e sentiam no quarto ao lado, as chinelas da velha [...]” (QUEIROZ, 1998, p. 222). Podemos notar que o patológico de certa forma acaba se tornando uma espécie de regra, na qual o desejo sexual é visto como um vício e/ou doença que tem que ser satisfeito, seja lá de que maneira for. Daí a justificativa para o adultério, incestos, prostituição, homossexualismo, pois o desejo do homem acaba sendo superior do que a sua moralidade.

Nesse sentido, o desejo de Amaro está vinculado à mulher, que é tomada como base de suas fantasias. Ora, o desejo de Amélia não é diferente, o seu fetiche é de certa maneira, uma resposta do falo. Essa fantasia, nada mais é do que o pensamento constante e consciente, isto é, “sonho diurno” como atesta Freud. Não apenas aqui, mas n’*A normalista* (1893) a mulher representa essencialmente o Outro do mais imediato desejo. Tanto em Amaro, quanto em João da Mata o inconsciente traduz e/ou armazena o mistério de homens que querem mulheres. Dessa forma, Ceia afirma

Como negatividade do homem, a mulher torna-se um objeto de total fantasia, elevado ao lugar do outro, que é igualmente o lugar de Deus. Porque a mulher ultrapassa a *jouissance* fálica, adquire algo mais que a coloca ao nível de um misticismo singular, o qual aponta o caminho de Deus. Porque Deus não sai do triângulo do desejo, a mulher é a via simbólica para chegar até ele (CEIA, 1997, p. 145).

Fica evidente, aqui, a dominação do homem sobre a mulher, uma vez que é um tipo de violência que contribui para manutenção da desigualdade. No caso de Amélia e Amaro, há uma relação de vingança implícita no desejo. Ela “entrega-se ao amor por desforra com o mundo do tédio existencial que sempre foi o seu” (QUEIROZ, 1998, p. 302). Isso ocorreu após o processo de castração pelas situações de angústia devido aos papéis sociais exercidos por ambos, isto é, ela enquanto beata e ele enquanto padre. Na realidade, Eça de Queiroz demonstra que a prática devota ocorre como desculpa para boa reputação exigida pela sociedade hipócrita. Essa condição do protagonista na figura masculina, que reproduz o código machista patriarcal nos remete ao que explica Armstrong sobre o herói no romance

Nesse contexto, “o romance resolve o conflito entre interesses individuais e coletivos de duas maneiras. O círculo social se amplia, torna-se mais flexível e heterogêneo, acolhendo os excluídos. Ou o protagonista se adapta às normas culturais sufocando seus impulsos antissociais, e se torna ao mesmo tempo mais profundo e complexo, cada vez mais atormentado por conflitos internos” (ARMSTRONG, 2009, p. 336-337).

Para tanto, “o coito para o homem tem um fim biológico preciso: a ejaculação” (BEAUVOIR, 1980, p. 135). Mas, uma vez atingida, aparece como consequência a satisfação ou ao menos a supressão desse desejo. Destarte, enquanto Amaro não satisfaz seu desejo libidinoso, um estado neurótico o persegue e inquieta sua alma e seu corpo. Nesse sentido, Ceia postula que

A maior perversão de Amaro reside no fato de se colocar no lugar desse Outro/Deus, a tal ponto que a própria Amélia confirmara essa usurpação da natureza do Outro, como se ele tivesse exercido sobre si um feitiço e, portanto, só se fosse entendível como resultado de uma fantasia (CEIA, 1997, p. 139).

Dessa maneira, o próprio Deus tem um papel de cúmplice nesse contexto e a relação só terá sentido na presença Dele. Isso ocorre devido ao fato de Amaro obter essa espécie de natureza onipotente do Outro/Deus, que o faz adquirir uma moralidade sobre o amor proibido e pervertido que nutre por Amélia.

Por outro lado, a figura do Abade Ferrão surge com um verdadeiro sacerdote, capaz de defender a moral e os bons costumes além de servir como um pastor, contrapondo-se aos demais padres da obra, uma vez que ele faz um discurso ético-filosófico com um intuito de fazer uma repurificação da alma da jovem. Nesse contexto, vejamos:

Além disso, o bom abade, como lhe dissera, “não queria impossíveis”. Sabia que não podia arrancar num momento aquele amor culpado, que ganhara raízes até as profundezas de seu ser. Queria apenas que, quando assaltasse a idéia de Amaro se abrigasse logo a idéia de Jesus (QUEIROZ, 1998, p. 312).

Desse modo, além de criticar a pulsão sexual do pároco, pois está nos limites do físico e do psíquico, é realmente o Abade quem demonstra que na perversão de Amaro há uma pulsão sexual dirigida a um objeto e não respeita o desejo de homens comuns e só serviu para desviar uma mulher do caminho. Portanto, se o crime é o título da obra, é necessário que haja um julgamento do mentor. Nesse sentido, é o próprio Amaro que inconscientemente faz o seu julgamento através de um sonho na qual “sobre o seio de Amélia por mãos de brasa; ia lutar e brandar contra o juiz que o julgava [...] com um grito reconheceu o Padre Eterno!” (QUEIROZ, 1998, p. 142-143). O Padre Eterno é na verdade, o superego que funciona como guarda. Do ponto de vista da moralidade o “id é totalmente amoral; do ego, que se esforça por ser moral e do superego que pode ser supermoral” (FREUD, 1996, p. 58).

Dessa maneira, é nessa luta entre consciente e inconsciente que Eça de Queiroz constrói o discurso baseado no drama de um servo de Deus e uma beata que se dividem entre o espírito e a carne. Em certo sentido, acreditamos que o desejo está mais no plano da necessidade do que da concupiscência quando ele disse “que vissem ali duas, três horas para o pé da Ameliazinha, e veriam, sob sua capa de santidade, começar a revoltar-se-lhes de desejo”! (QUEIROZ, 1998, p. 131). É justamente por causa dessa necessidade de satisfazer-se que Amaro, mente, seduz e engravida a jovem, demonstrando que é um sujeito totalmente corrompido e corrupto.

Para tanto, Amélia que também vive esse dilema em certo instante acreditava que “Deus, em castigo dela se deitar na cama com um padre lhe mandasse um mal que a desfigurasse ou a reduzisse a pedir esmolar pelas vielas” (QUEIROZ, 1998, p. 303). Nesse momento, o superego de Amélia se aflora e o componente social a faz pensar na consequência de seus atos, fazendo com que ela tenha a certeza de que será castigada por Deus por ter que carregar o filho concebido e gerado no mito do pecado, morrendo após dar a luz.

No caso d'*O crime do padre Amaro* é a religião que deveria exercer o papel de modeladora espiritual, fornecendo bons exemplos de conduta, porém, não foi isso que aconteceu. Desse modo, é perceptível o quanto o meio exerce uma influência sobre o indivíduo, e as ações das personagens demonstraram isso. No tocante a classificação, a personagem Amélia, é classificada como esférica, pois apresentou “várias qualidades ou

tendências, surpreendendo o leitor” (BRAIT, 1990, p. 41). Assim sendo, em relação a sedução e o desejo há algumas diferenças em relação a personagem Amélia, uma vez que fantasiou, desejou e usufruiu do prazer oferecido por Amaro, diferentemente de Maria do Carmo.

Como é perceptível, a construção das personagens Amélia e Maria do Carmo ocorreram de maneira fragmentária, ao longo do romance, através de uma série de recursos da linguagem, como os discursos, as características físicas e psicológicas, entre outros. Nesse contexto, podemos dizer que o narrador, “é uma câmera privilegiada, que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que ele quer retratar” (BRAIT, 1990, p. 56). Todas as técnicas utilizadas contribuem tanto 50

para despertar o interesse e a imaginação dos leitores, quanto para fazer todas as leituras possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

Simone de Beauvoir

Como pudemos perceber, a ficção representa através das personagens femininas a condição da mulher nos mais variados aspectos. O presente estudo sobre a mulher no Realismo e do Naturalismo possibilitou-nos compreender, nas obras analisadas, que diferente do Romantismo a mulher não era um ser idealizado, mas um mero objeto de desejo. Isto que nos faz lembrar a assertiva de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Assim, ao longo do tempo a mulher foi tratada como um ser inferior e marginalizado, tendo um destino imposto pela sociedade patriarcal, que tem o homem como o representante, o mais forte, o que tudo pode. Isso foi retratado em ambos os romances, pois demonstraram o quanto a mulher da época era um ser sem livre arbítrio.

O Crime do Padre Amaro de Eça de Queiroz, é um romance totalmente anticlerical. Nele, é abordado de maneira sarcástica e sob forma de protesto, o caso de Amaro (padre) e Amélia. No entanto, uma das intenções do autor é lançar críticas à Igreja católica e a sociedade que contribuiu para transformar seres inescrupulosos como Amaro, que ao invés de proteger e orientar a jovem usou e abusou de meios ilícitos a fim de possuí-la. Na verdade, “Amaro se prevalece da conjugação entre a consabida fragilidade feminina e a sua responsabilidade inerente de pastor das almas” (DANTAS, 1999, p. 137). E nesse instante a má-consciência do padre é ressaltada, pois faz de tudo para dirigir espiritualmente a sua conduta.

A Normalista de Adolfo Caminha, por sua vez, narra uma história semelhante. Todavia, a crítica é destinada à sociedade hipócrita. Aqui, a figura de João da Mata é o mentor do crime de defloração de sua afilhada, que ao invés de cuidar de sua integridade (física e mental) usou de uma série de artifícios para seduzi-la.

Dessa forma, concluímos que a sociedade permite ao homem ter prazer, e para isso seduzir seja qual mulher for, ainda que isso seja considerado uma forma de incesto, como em *A normalista*, ou pecado contra o voto religioso de castidade, como em *O Crime do padre Amaro*. Todavia, à mulher é vetada, nessa época representada nos romances, a condição de viver plenamente sua libido, de modo que, reprimidas, sucumbem à sedução “do mais forte”. Ou seja, se não eram livres socialmente para terem desejos sexuais, sucumbiam esses desejos ao primeiro sedutor que afetassem sua libido. Assim, observamos também que existem alguns pontos em comum nas obras analisadas, tais como: a submissão feminina, o desejo, o abuso de poder e a hipocrisia da sociedade.

Porém, existe uma diferença no destino das protagonistas, pois enquanto Amélia e seu filho morrem, Maria do Carmo que perde o filho na hora do parto, prepara-se para casar com o alferes Coutinho. Assim, compreendemos que o filho de Maria do Carmo por ser fruto de uma relação incestuosa, morre como vitória da moral sobre o desejo. Enquanto Amélia, pagou um preço muito alto pela sua transgressão, já os homens em ambos os casos saem invictos, sem nenhuma punição. Além do mais, em ambos os romances demonstraram que o homem apesar de toda ciência e conhecimento, não é capaz de vencer os desejos da carne assemelhando-se aos animais, característica do naturalismo.

Destarte, entendemos que não apenas a educação, mas a religião, bem como a sociedade como um todo funciona como uma espécie de obstáculo, impedindo o livre exercício de atividades totalmente humanas, visto que faz com que os indivíduos sigam as regras, mesmo que custe a infelicidade. Os desejos, reprimidos ou não, podem gerar muitos problemas ao indivíduo. Todavia, como ser socialmente castrado em diversos aspectos a mulher é quem padece mais, pois foi ela quem, ao longo dos séculos, esteve destinada ao casamento, servindo apenas para procriar, sofrendo com os abusos masculinos ou servindo apenas como objeto sexual, durante o decorrer da história.

Embora se trate apenas de obras de ficção, são críticas a uma sociedade corrupta e injusta que insiste em abusar do poder e manter as desigualdades entre homens e mulheres contribuindo para manter a violência física e psicológica, além de impedir que a mulher pudesse viver de maneira mais plena a sua libido. Não obstante, foi justamente como o feminismo que essa situação começou a mudar, isso já é perceptível em muitas obras atuais retratando as mudanças ocorridas na sociedade atual.

Portanto, temos a nítida certeza de que este estudo não esgota a riqueza dessas obras, nem dos seus autores. Trata-se apenas de um estudo resumido que poderá ser aprofundado

com leituras de novos referenciais teóricos, ampliando a abordagem estabelecida a partir do material que despertou nossa atenção, de modo que é possível prosseguir com este tema em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. São Paulo: FTD, 1994.

QUEIROZ, Eça. **O Crime do padre Amaro**. 12º ed. São Paulo: Ática, 1998.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

AMSTRONG, NANCY. **Moral burguesa e o paradoxo do individualismo**. In: MORETI, Franco. **A cultura no romance**. São Paulo: Cosac Naifi, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Ana Maria Valente. Oxford: Lisboa, 2007.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BEAVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEZERRA, Carlos Eduardo. **Poder, violência e exclusão nos romances A normalista e O bom-crioulo, de Adolfo Caminha**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro regional de História, Violência e Exclusão. ANPUH/SP - USP 08 a 12 de dezembro de 2008. <Acesso 15 de dezembro de 2009>.

_____. **Literatura e compromisso social na obra de Adolfo Caminha**. In: **Literatura e compromisso social**. Cerrados Revista do Programa de Pós Graduação em Literatura. n°. 28, ano 18, 2009. p. 241 a 263.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CANDIDO, Antônio [et al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 55

CASSIMIRO, Maria Do Rosário; GONÇALVES, Oliveira Leite. **Rumos da Universidade Brasileira**. Goiânia. Ed. da UFG. GO, 1986.

CEIA, Carlos. **A dialética do desejo n'O Crime do padre Amaro**. In: Encontro Internacional de Queirozianos, 3. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses: Área de Estudos Comparados de Literatura e Língua Portuguesa. FFLGH/ USP, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DANTAS, Francisco José Costa. **A mulher no romance de Eça de Queiroz**. São Cristovão, SE: Editora UFS; Fundação Olivêdo Teixeira, 1999.

FERREIRA, Cássio Dandara Castilho Filho. **O Romance Naturalista Brasileiro: entre o folhetim e a ciência**. 1º Citelli- Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Maringá – UEM-PR 9, 10 e 11 de junho de 2010 – ANAIS - ISSN 2177-6350. <Acesso 09 de abril de 2011>.

FERREIRA NETO, Geraldino Alves. **Doze lições sobre Freud e Lacan**. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

FREUD, Sigmund. **Psicanálise**. In: **O tesouro da Enciclopédia Britânica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. (1856-1939). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Tradução Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

JAGGAR, Alisson M; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos tempos, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I**. 3º ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOTTA, Flávia de Mattos. **Gênero, sexualidade e educação**. 3 ed. Florianópolis: Genus, 2008, p. 48-62.

NASIO, Juan David. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SÁNCHEZ, Sebastian. **A emancipação da mulher e o anarquismo**. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (org.). **Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos**. Campina Grande: EDUEP, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965. Coleção Vera Cruz- Literatura Brasileira, 82.

SOUZA, Margarete Edul Prado de. **A questão da mulher no romance naturalista brasileiro**. Anais do 5º seminário Nacional de Mulher e Literatura. Natal: UFRN: Ed. EDUFN, 1995.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007. Pg. 55-78.

VIEIRA, Cristina da Costa. **A construção da personagem romanesca**. Lisboa: Colibri, 2008.